

FERNANDO AMADO

PEÇAS DE TEATRO

Organização de TERESA AMADO e VÍTOR SILVA TAVARES

Prefácio de AUGUSTO SOBRAL



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



CAIU UM ANJO

de autoria de...

...

...

...

...

...

...

12

...

CAIU UM ANJO

...

...

Representada em 1987 pelo A. M. Costa Viana, Teatro de
D. Álvaro III, 1987 pelo A. M. Costa Viana, Teatro de
1983 pelo A. M. Costa Viana, Teatro de
1982 pelo A. M. Costa Viana, Teatro de
1981 pelo A. M. Costa Viana, Teatro de
1980 pelo A. M. Costa Viana, Teatro de

...

...

...

...

OLIVA MUJIAD

Representado em: 1952 (dir. A. M. Couto Viana, Teatro Nacional D. Maria II), 1953 (dir. A. M. Couto Viana, Capitólio, Lisboa), 1953 (dir. A. M. Couto Viana, Teatro Rosa Damasceno, Santarém), 1953 (dir. A. M. Couto Viana, Teatro D. Maria Pia, Leiria), 1953 (dir. A. M. Couto Viana, Teatro Aveirense), 1957 (dir. Fernando Amado, cripta da Igreja de S. João de Deus, Lisboa).

CAIU UM ANJO

Mistério em dois quadros

PERSONAGENS

ANJO

1.º BÊBEDO

2.º BÊBEDO

O ARDINA

O MOTORISTA

A VELHA

O SENHOR ELEGANTE

A SENHORA ELEGANTE

O DOUTOR

O FILÓSOFO

O GUARDA-NOCTURNO

O POETA

O PETIZ



1.º QUADRO

Lisboa à noite. Rua. Sobre a direita, casa de pasto: tabuleta pendurada no gancho de ferro forjado e ramo de loureiro por cima do portal. Este lado da cena iluminado; o lado oposto na penumbra.

Do interior dum prédio soam, amortecidos, trinos e arpejos de guitarras. Longínquo buzinar de automóvel. Vagos ruídos nocturnos.

Junto da taberna um homem é espancado por dois Bêbedos. Perto, um Ardina observa, curioso. Um motorista, de largo, fuma. Recolhido na sombra há mais alguém.

Entra uma Velha de capote e lenço.

A VELHA — Credo! Por que batem no homem?

O ARDINA — Não se rale, avozinha. Ele há-de ter feito patifaria grossa. Caçaram-no da taberna para lhe baterem. Eu também quis molhar a sopa.

O MOTORISTA (*encolhendo os ombros*) — Diz que é um anjo.

A VELHA — Um anjo!

O ARDINA — Um anjo!

O MOTORISTA — É o que ele diz.

O ARDINA — Capaz de ser um anjo da guarda.

1.º BÊBEDO (*ao Ardina*) — Arreda! Pra que lhe botas o nariz em cima?

2.º BÊBEDO — Se te amisturas, levás um borracho por tabela!

O ARDINA (*pulando, com jeito de gaiato*) — Tó rola!

Os dois Bêbedos, resmungando, empurram o homem espancado contra a parede.

A VELHA — Socorro! Quem acode!

Entram, em traje de noite, um Senhor e uma Senhora Elegantes.

O SENHOR ELEGANTE — Ouvei gritar por socorro.

A VELHA — Meu rico senhor, acuda àquele desgraçadinho!

1.º BÊBEDO — Deixa-te de lamúrias, velha mexeriqueira. Ele é um intrujão, um odre de bazófia. Prantei-lhe adiante das goelas um copito de clarete — que só faltava tragar e lamber os beiços — e ele, como quem diz, enxovalhou-me.

2.º BÊBEDO — Um homem aguenta as tristezas da vida, mas não gosta que o enxovalhem.

O SENHOR ELEGANTE (*aproximando-se do homem espancado*) — Criminoso que ele fosse, ninguém tem o direito de fazer justiça por suas próprias mãos. É preciso respeitar a lei.

O ARDINA (*oportuno*) — Diário, meu freguês?

O SENHOR ELEGANTE — Já não são horas de vender jornais.